

## JUVENTUDE NO CAMPO: O CONTEXTO DA PERMANÊNCIA NO SERTÃO DO PAJEÚ

Alexandre Machado Marques de Souza Sobrinho  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
alexandreemachado@gmail.com

Juliana Gomes de Moraes  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
j.moraessociaisufrpe@gmail.com

### RESUMO

O presente trabalho busca apresentar os fatores que contribuem para o *contexto da permanência* dos jovens no campo, especificamente dos jovens situados na região do Sertão do Pajeú, sertão de Pernambuco. Por meio da realização de entrevistas e narrativas de histórias de vida este artigo busca observar como a atuação de ONGs presentes na região têm influenciado o desejo de permanência desses jovens em seus territórios de origem, através de programas de assistência técnica e por meio do incentivo à transição agroecológica. Observou-se que a literatura especializada no tema normalmente concebe a juventude rural como uma classe em movimento de migração e abandono do campo. De acordo com essa pesquisa, conclui-se que esses jovens desejam permanecer no campo e dar continuidade à propriedade dos pais, mesmo estando ocupados com outras atividades de trabalho e de estudo, mantendo uma relação de identidade com o território, o que empiricamente revela que os jovens dessa região, diferentemente do que pode ser encontrado na maioria dos estudos sobre esta mesma classe em outras regiões do país, estão situados no contexto da permanência.

**Palavras-chave:** Juventude Rural; Assistência Técnica; Agroecologia

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar os fatores que contribuem para o que reconhecemos como sendo um contexto de permanência no campo, situando os jovens das famílias rurais da região do Pajeú, Sertão de Pernambuco. De acordo com a literatura especializada no tema, uma série de adversidades contribuem para a migração dos jovens rurais para os centros urbanos, a exemplo das dificuldades relacionadas ao acesso à terra, as transformações nas relações de produção resultantes do processo de modernização capitalista da agricultura, a dependência do pequeno produtor ao sistema

financeiro e agroindustrial, bem como as incertezas em relação as oportunidades de trabalho (ZAGO, 2013). Desta maneira, a decisão de jovens em abandonar o meio rural não pode ser tomada em “mão única”, pois está associado a um “conjunto de fatores estruturais e intrafamiliares, além de outras experiências sociais em contraste com o isolamento do campo, que constroem um modo de ser jovem e sua identidade” (ZAGO, 2013, p. 9).

Por outro lado, reconhece-se que o território do Pajeú inclui os diferentes segmentos de sua população organizados em torno de questões que mantém a efetiva atuação de diversas ONGs, além de movimentos sociais relacionados às lutas de trabalhadores (as) na convivência com o semiárido (MDA, 2008). Diante dessa realidade, considera-se que os jovens do Pajeú, enquanto inseridos em estratégias de desenvolvimento promotoras da capacidade criativa, da geração de renda e das atividades educativas e profissionais que contemplam o pertencimento ao contexto rural, verifica-se um processo de resistência às adversidades que os fazem os fazem migrarem para o contexto urbano.

Isso posto, este trabalho tem como objetivo analisar como a atuação de ONGs presentes na região têm influenciado o desejo de permanência desses jovens em seus territórios de origem, através de programas de assistência técnica agroecológica. Especificamente, este trabalho busca analisar três experiências de jovens mulheres e homens pertencentes a famílias camponesas do Sertão do Pajeú que estudam e trabalham para permanecer no campo. Esse trabalho justifica-se pelo fato de a maioria da literatura especializada concebe a população jovem do campo como sendo uma classe em movimento de migração, rompendo com o meio rural e a tradicionalidade da agricultura familiar, expressando, portanto, uma escassez de trabalhos que indicam um outro viés, aquele que queremos chamar de contexto da permanência no campo.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho está amparado em um estudo de caso a partir de 1 (uma) experiência no município de Afogados da Ingazeira; 1 (uma) experiência do município de Triunfo; e 2 (duas) experiências do município de São José do Egito. Trata-se de fontes orais de três jovens, sendo 02 (duas) mulheres e 01 (um) homem. Utilizamos a metodologia qualitativa das ciências sociais, especificamente a observação direta, a entrevista semiestruturadas (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1995), além da história oral, meio pelo qual nossos entrevistados puderam explicar suas histórias de vida livremente (PORTELLI; FENELÓN, 1997).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Neves (2012), o termo agricultura familiar diz respeito às formas de agriculturas camponesas que organizam sua produção de maneira que a família é, ao mesmo tempo, proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas. Kummer e Colognese (2013), por sua vez, observam que os compromissos e as obrigações evidentes no seio familiar sobrepõem-se ao universo do trabalho, numa condição de compartilhamento dos dilemas produtivos evidenciados no não assalariamento da atividade agrícola. Levando em conta as mudanças ocorridas no meio rural em meio a modernidade, Carneiro (2009) nos aponta que em algumas regiões do Brasil há um movimento de mudança de perfil socioeconômico no campo, provocada por uma diversificação das atividades econômicas.

Diante disso, surge um novo rural marcado pelo aparecimento de novas alternativas de trabalho não-agrícolas, o que implica uma conseqüente diminuição das atividades estritamente agrícolas no meio rural. A respeito dessa questão, Wanderley (2009) afirma que há um movimento histórico em termos de fluxo onde as relações das famílias rurais com a vida urbana não permitem que se fale mais em situações de isolamento e oposição, ou seja, parece evidente que a residência no meio rural expressa cada vez mais uma escolha por certo modo de vida.

Um dos fatores que influenciaram a mudança no modo de vida das famílias rurais foi a Revolução Verde, que é um processo de difusão da incorporação de tecnologias na agricultura, no aumento da produtividade agrícola por meio da substituição dos modelos de produção locais ou tradicionais e por um conjunto de práticas tecnológicas homogêneas e modernas (MACHADO; HEGEDÜS; SILVEIRA, 2006).

Na contramão desse processo a Agroecologia é o enfoque científico que apoia a transição dos atuais modelos de desenvolvimento da agricultura convencional para outros estilos de desenvolvimento rural, perscrutando agriculturas mais sustentáveis (CAPORAL 2005). A intervenção agroecológica, como sugere Caporal e Ramos (2006), implica na busca de soluções mais adequadas e compatíveis com as condições específicas de cada agroecossistema, tendo em vista o sistema cultural das pessoas implicadas em seu manejo.

A nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – Pnater, por sua vez, elaborada em 2003, foi formulada com o intuito de promover “a expansão e o fortalecimento da agricultura familiar e das suas organizações, por meio de metodologias educativas e participativas, integradas às dinâmicas locais (...)” (MDA, 2004 apud CAPORAL, 2005 p. 2).

Com base nos pressupostos teóricos, observou-se que entre as atividades que apoiam o desejo da permanência dos jovens no campo, podemos citar as estratégias de extensão rural agroecológica, a educação não formal e o apoio aos empreendimentos de economia solidária, desenvolvidos pelo

Estado, pelos movimentos sociais e, sobretudo, pelas Organizações Não Governamentais - ONGs que atuam no contexto local.

Nesse contexto, observou-se a atuação de ONGs como a Diaconia e a Casa da Mulher do Nordeste, organizações conhecidas por seus programas de capacitação técnica, inclusão social e incentivo à transição agroecológica. Essas organizações trabalham na perspectiva da geração de renda de centenas de famílias da região. Diante disso, entre as experiências exitosas oportunizadas pelas ONGs, foi possível observar alguns desdobramentos na vida dos jovens.

Podemos citar a construção de uma padaria comunitária apoiada pela Diaconia, composta apenas por jovens dedicados à gestão do negócio, contando com uma remuneração e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida. Nessa experiência, os jovens estão gerindo uma padaria comunitária, resultado de uma iniciativa da ONG Diaconia. Além disso, há uma outra experiência resultante da ação da Casa da Mulher do Nordeste com a formação de mulheres cisterneiras, gerando mais uma fonte de renda para as mulheres. Compreende-se que estas experiências sinalizam dois processos: o interesse dessas jovens em realizar atividades não-agrícolas nas proximidades das propriedades de seus pais e a permanência no campo de forma autônoma, ou seja, ganhando seu próprio salário sem depender diretamente dos lucros excedentes da propriedade dos pais.

Uma segunda experiência refere-se a uma família que, a partir do apoio à produção de orgânicos prosperou ao ponto de sustentar um filho em uma Universidade particular da Paraíba. Esse jovem, em entrevista, indicou que pretende investir na propriedade dos pais ao mesmo tempo em que planeja se dedicar à sua carreira, sinalizando que, mesmo estando investindo em uma profissão liberal de grande destaque, pretende manter relações com o meio em que vive.

A terceira experiência de sucesso foi a oportunizada pela Casa da Mulher do Nordeste. Uma jovem oriunda do meio rural, teve formação técnica e hoje é umas das responsáveis pela ONG, realizando projetos que atendem especialmente as mulheres da Região do Sertão do Pajeú através de vários programas de capacitação. Esta jovem é mais um exemplo de permanência, mesmo atuando em uma atividade não-agrícola dentro do terceiro setor, a jovem mantém relações com o campo e com pessoas do campo, empenhada na melhoria de vida de centenas de mulheres através de seus projetos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que os jovens entrevistados, diferentemente do que pode ser encontrado na maioria dos estudos sobre esta mesma classe em outras regiões do país, estão situados no contexto da permanência. Durante a pesquisa, foi constatado que os jovens desejam permanecer no campo e dar continuidade à propriedade dos pais, mesmo estando ocupados com outras atividades de trabalho e de estudo, mantendo uma relação de identidade com o território.

Conclui-se que, por meio da atuação de ONGs situadas na região, alguns jovens têm a possibilidade de exercer diferentes funções agrícolas e não-agrícolas, ao mesmo tempo em que mantêm um elo de ligação com a família. Além disso, os jovens entrevistados se mostraram satisfeitos com a vida no campo, tonando-se, por diferentes motivos, cada vez mais autônomos e empoderados.

## REFERÊNCIAS

- CAPORAL, F.R. **Extensão Rural como política pública: a difícil tarefa de avaliar**. In: Sambuichi, Regina Helena Rosa, et al. Políticas agroambientais e sustentabilidade: desafios, oportunidades e lições aprendidas. 2014.
- \_\_\_\_\_. RAMOS, LF. **Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia**. 2006. In: Monteiro, d.; Monteiro, M. desafios na Amazônia: uma nova assistência técnica e extensão Rural. Belém: UFPA. ACESSO em: 12/06/2013. Disponível em: <[http://www.redereparte.org.br/arquivos/reparte07-08-2012\\_110532.pdf](http://www.redereparte.org.br/arquivos/reparte07-08-2012_110532.pdf)>.
- CARNEIRO, M.J. **Ruralidades: novas identidades em construção**. Estudos Sociedade e Agricultura, 1998: 53-75.
- KUMMER, R.COLOGNESE S.A. **Juventude rural no Brasil: Entre ficar e partir**. Tempo da Ciência. v. 20 números 39 .2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/download/9817/7188>>. Acesso em 30. Jul.2015.
- MDA. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sertão do Pajeú**. (2008). Colegiado do Território da Cidadania do Sertão do Pajeú; Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano -I ADH. Disponível em:<[http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs\\_qua\\_territorio082.pdf](http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio082.pdf)> Acesso em 05 maio. 2015.
- NEVES, D.P. **Agricultura familiar**. In: CALDART, et al (org). Dicionário da Educação do Campo. EPSJV/Expressão Popular, 2012.
- PORTELLI, A.; FENELÓN D.R. **O que faz a história oral diferente. Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. 1997. Disponível em:<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240>>. Acesso em 15 jul. 2015.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Tradução: João Minhoto Marques; Maria Amália Mendes; Maria Carvalho. Dunot: Paris, 1995.
- WANDERLEY, M.N.B. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. UFRGS Editora, 2009.
- ZAGO, N. **Em busca de novos horizontes: migração e ensino superior nos projetos de jovens de origem rural**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis, 2013. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385582531\\_ARQUIVO\\_NadirZago.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385582531_ARQUIVO_NadirZago.pdf)>.